



**INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO PRÓ-SABER
LICENCIATURA EM NORMAL SUPERIOR**

DANIELE DOS SANTOS ACIOLY

**PENSAR, CONHECER, APRENDER: POTENCIALIZANDO O SABER E O
CONHECIMENTO ATRAVÉS DA ARTE**

Rio de Janeiro

2022

DANIELE DOS SANTOS ACIOLY

**PENSAR, CONHECER, APRENDER : POTENCIALIZANDO O SABER E O
CONHECIMENTO ATRAVÉS DA ARTE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber como requisito parcial para a obtenção do Grau de Licenciado em Normal Superior, com Habilitação em Magistério da Educação Infantil.

Orientadora: Professora Liana Garcia Castro

Rio de Janeiro

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A181p Acioly, Daniele Dos Santos

Pensar, conhecer, aprender: potencializando o saber e o conhecimento através da arte / Daniele Dos Santos Acioly.– Rio de Janeiro: ISEPS, 2022.–
47 fl. il.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber, 2022. Requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Normal Superior, com habilitação em Magistério da Educação Infantil.

Orientador: Professora Liana Garcia Castro

1. Educação infantil. 2. Formação de Professores. 3. Memória de Formação. 4. Arte. 5. Cultura. I. Título. II. Orientadores. III. ISEPS. IV. Instituto Superior de Educação Pró-Saber.

CDD 372

LICENÇAS

Autorizo a publicação desse trabalho na página da Biblioteca do Instituto Superior de Educação Pró-Saber ou em qualquer meio que julgue adequado, tornando lícita sua cópia total ou parcial somente para fins de estudo e/ou pesquisa.

Essa obra está licenciada sob uma Licença **Creative Commons**, maiores informações <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/3.0/>.

Rio de Janeiro, 24 de junho de 2022.

Daniele dos Santos Acioly

DANIELE DOS SANTOS ACIOLY

**PENSAR, CONHECER, APRENDER : POTENCIALIZANDO O SABER E O
CONHECIMENTO ATRAVÉS DA ARTE**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Instituto Superior de
Educação Pró-Saber como requisito parcial
para a obtenção do Grau de Licenciado em
Normal Superior, com Habilitação em
Magistério da Educação Infantil.

ORIENTADORA

Professora Liana Garcia Castro

LEITOR(A)

Professor(a)

Rio de Janeiro

2022

Dedico essa monografia em especial a minha mãe Maria Auxiliadora que foi a pessoa fundamental para eu chegar até aqui; aos meus filhos Lucas e Diego; a minha sobrinha Naiani Toledo; ao meu esposo Douglas Acioly pela paciência nos dias difíceis.

E aos amigos e colegas de trabalho, pelo incentivo e pelo encorajamento para enfrentar cada desafio desse processo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por me dar força e coragem, me mantendo de pé, mesmo quando tudo ficava difícil.

Gratidão a todos que acreditaram em meu potencial, especialmente à Suame Rezende, amiga que me inspirou a acreditar na educação, à Inês Elizabeth Araujo, minha diretora e grande incentivadora do crescimento profissional.

Grata à cada professor dessa Instituição Pró-Saber, em especial à minha orientadora, Liana Castro Garcia, que ajudou a dar formato a esse trabalho, por ter desempenhado tal função com dedicação e carinho; à professora Melissa Lamego, que mudou meu olhar sobre mim e o mundo das artes.

Aos colegas da turma 2019, por compartilharem suas histórias, em especial à Érika Oliveira, que foi apoio e força.

Aos colegas de trabalho que seguraram minha mão e que acreditaram nesse sonho da graduação junto comigo.

Agradeço à minha tia Fatima de Lourdes, por ser minha inspiração e à Marli Damaceno Alves, por sua insistência em realizar o concurso em 2007 que aqui estou.

Educar é partilhar, o medo, a dor, o saber e o querer; educar é amar mesmo quando tudo parece parar.

Educar é acreditar no acolher e fazer, mesmo que as lágrimas teimam em rolar e emudecer esse ser que é você.

Educar é mais que ensinar, planejar, doar, falar; educar é se vestir de fé e viver remando contra a maré.

Educar é usar o verbo esperar, para avançar e vivenciar, acreditando que mudar o caminho não irá te calar.

Educar é ser eu e você, diante da montanha que irá aparecer, pois educar é viver lutando e acreditando quando ninguém mais acreditar.

Vamos seguir tentando, pois educar e nunca desistir de amar. (SANTOS, 2020a)

RESUMO

Esta monografia é um relato sobre o processo de mergulhar em minha história para viver a transformação profissional e pessoal como aluna do Curso Normal Superior com Habilitação em Educação Infantil, no Instituto Superior de Educação Pró-Saber. Nela, procuro narrar cada passo dado no caminho da formação, com todos os sentimentos vividos no âmbito individual e no coletivo. Ao mergulhar no meu processo de formação, descrevo como a arte mudou o meu modo de ver o mundo, transformando-se em possibilidades para serem trabalhadas com as crianças pequenas. O objetivo desta monografia foi refletir sobre essa transformação do meu olhar para a arte no processo de formação e pensar em práticas com as crianças. A metodologia da pesquisa foi a escavação de memórias dos três anos do curso. Serviram como documentos meus registros escritos, os textos e autores apresentados nas disciplinas e os registros fotográficos.

Palavras-Chave: Memória. Educação que transforma. Criança. Arte. Cultura.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 EM BUSCA DA PARTE QUE ME FALTA	11
1.1 O que me levou ao Pró Saber	11
1.2 Metodologia da pesquisa	15
2 INDO DE ENCONTRO A MIM, RESSIGNIFICANDO O MEU OLHAR	18
2.1 Um mergulho em mim	19
2.2 Os instrumentos metodológicos	22
2.3 O olhar para a criança	25
2.4 Experiências com a arte	26
3 O DESEJO DE EDUCAR O MUNDO E A ARTE COMO POSSIBILIDADE	33
3.1 Imaginar, criar, ler e brincar	34
3.2 Fotografar e refletir	36
3.3 Conhecer, apreciar e pertencer	40
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERÊNCIAS	48

INTRODUÇÃO

Esta monografia é um relato sobre o processo de mergulhar em minha história para viver a transformação profissional e pessoal como aluna do Curso Normal Superior com Habilitação em Educação Infantil, no Instituto Superior de Educação Pró-Saber. Nela, procuro narrar cada passo dado no caminho da formação, com todos os sentimentos vividos no âmbito individual e no coletivo. Aqui trago a coragem, a persistência, a esperança, a força e a fé que me acompanharam. Todo caminho é feito de curvas, pedras e buracos, mas desistir não o torna mais fácil.

Esse caminho se iniciou com a escrita do meu memorial para o vestibular no ano de 2019. Já naquele momento, fui tomada por uma emoção, pois tinha sido provocada a olhar para a minha própria história. Nessa escrita, revisei o lugar de aluna, uma menina que desde muito pequena se encantava com as palavras, com os livros e era completamente fascinada por números. Minha mãe e meu pai, sem muito estudo, não sabiam muito o que fazer com a curiosidade dessa filha mais velha. A fala dos meus pais era: “Estude para ser alguém na vida!” E com isso, eu tinha medo de não ser alguém na vida.

Estudar era algo que meu pai cobrava bastante. As notas baixas eram sempre motivo para castigo, e meus irmãos eram castigados com frequência. Eu tinha medo de errar, medo de decepcionar, medo de ser criança. Por ser mais velha, eu entendia toda dificuldade dos meus pais, e me cobrava sempre para não dar mais preocupação além das que eles já tinham.

Na minha infância, existiam dois mundos: a realidade dura e crua vivida aqui na cidade do Rio de Janeiro, e a da fantasia, quando as férias chegavam. Nas férias, eu entrava num ônibus em direção ao lugar onde eu vivi os melhores momentos da minha infância: a casa dos meus avós, na cidade de Jequitinhonha, Minas Gerais. Eu acredito que não exista lugar mais especial que casa de Vó e Vô. São as minhas mais belas memórias de criança. O cheiro do melhor café, o gosto da melhor manga, as mais alegres brincadeiras, o melhor banho de rio...

Lembrar da criança que fui, e que ainda permanece em mim, me faz pensar nas crianças sob minha responsabilidade no agora, como educadora. Acredito que as crianças, assim como os adultos, se encantam e reencantam com a beleza do mundo que os cerca. Cabe a mim como educadora acreditar e permanecer transformando essa arte de ser educador, proporcionando experiências enriquecedoras para as crianças, que são curiosas, exploradoras, pesquisadoras e produtoras de cultura.

Neste trabalho, ao mergulhar no meu processo de formação, descrevo como a arte mudou o meu modo de ver o mundo, transformando-se em possibilidades para serem trabalhadas com as crianças pequenas. O desejo é proporcionar às crianças experiências que não tive, e assim levar para sala de aula diferentes formas e fontes para a transformação do conhecimento e reconhecimento de si e do outro. O trabalho com a arte possibilita apresentar o mundo em que vivemos e suas pluralidades culturais, experimentar, explorar diferentes materiais, dando às crianças liberdade de escolha, aprimorando e desenvolvendo seus gostos a partir da realidade vivida e experimentada.

O objetivo desta monografia é refletir sobre essa transformação do meu olhar para a arte no processo de formação e pensar em práticas com as crianças. A metodologia da pesquisa foi a escavação de memórias dos três anos do curso. Serviram como documentos meus registros escritos (sínteses e reflexões temáticas), os textos e autores apresentados nas disciplinas e os registros fotográficos.

A monografia está organizada em três capítulos. No primeiro, trago os primeiros passos na busca pela ressignificação do olhar para educação e a metodologia de pesquisa, que centraliza essa escavação no processo da escrita. No segundo capítulo, apresento o mergulho na minha história, os instrumentos metodológicos como base norteadora em sala de aula e as experiências, ao longo dos três anos do curso, que contribuíram para a construção do meu papel de professora. No terceiro, focalizo a presença da arte na minha prática na Educação Infantil, enfatizando a presença da literatura e da fotografia no cotidiano com as crianças.

1 EM BUSCA DA PARTE QUE ME FALTA

Este capítulo, no primeiro momento, traz o meu início na educação, minhas dores e decepções, até chegar aos caminhos que me levaram a essa instituição de ensino. Como o poeta Fernando Pessoa

Procuro despir-me do que aprendi,
procuro esquecer-me do modo de lembrar que me ensinaram.
E raspar a tinta com que me pintaram os sentidos.
Desencaixotar as minhas emoções verdadeiras,
desembrulhar-me e ser eu [...] (Fernando Pessoa *apud* ALVES, 2002, p. 54).

Exponho a minha tomada de consciência ao me apaixonar pela educação, a importância do papel que exercemos nos lugares que temos a oportunidade de mudar o olhar do outro e os modelos de pessoas que admiramos nesse lugar de educador. Início com a minha trajetória, com a imersão em uma vida ativa e cheia de desejos, faltas e incompletude, em constante movimento na busca desse pedaço que falta em todos nós seres humanos.

A metodologia da pesquisa da monografia também é apresentada aqui. No processo de escavações das memórias do curso, voltar ao passado para escrever o presente foi como viver e experimentar cada momento, reforçando a importância de que é preciso guardar sem esquecer onde guardamos e dividir com todos as possibilidades de se despir do velho corpo para mergulhar na melhor versão de si.

1.1 O que me levou ao Pró-Saber

Ao lembrar o momento em que iniciei profissionalmente na educação, sinto um frio na barriga. Lembro daquele medo, do primeiro dia em que pisei em uma creche para trabalhar, e não para deixar o meu filho. Eu acredito não saber expressar em palavras o que senti. Fui simplesmente apresentada ao grupo de educadores que já estavam inseridos na rotina. Lembro que a professora lia uma história para turma de 29 alunos, maternal II. Me deram bom dia e seguiram, como se nada tivesse acontecido. Que vontade de sumir e nunca mais voltar para aquele lugar! Aprendi olhando, observando e repetindo tudo que os adultos mais experientes faziam. Muitas vezes não

concordava, mas fazia. Chorei durante dias, semanas... Me decepcionei, quis largar tudo diversas vezes. Mas tomada por um sentimento de amor, fui ficando, me encontrando e acreditando que o futuro seria melhor.

Não diferente de muitas das minhas colegas, eu não escolhi a educação como profissão. O que eu sabia é que, em minha vida, eu precisava cuidar das pessoas, fazer algo pelas pessoas. Primeiramente, escolhi a enfermagem, cursei, me apaixonei pela profissão, mas não me encontrei de fato.

No ano de 2007, incentivada por minha madrinha, Marli, fiz a inscrição para o concurso da prefeitura do Rio para o cargo de auxiliar de creche. Ela já trabalhava há anos no Educandário Romão Duarte, localizado no bairro do Flamengo. Eu me encantava com as histórias que ela contava, mas não me via trabalhando com crianças. Para o concurso, estudei uma semana antes aquela apostila de banca de jornal; fiz a prova desacreditada, porém dei o meu melhor.

Engravidei no ano de 2008, e larguei a enfermagem no ano de 2010, quando fui trabalhar trancada dentro de um escritório. Foram bons momentos, mas sentia sempre falta de algo que não sabia, nunca sabemos, dizer. Em janeiro de 2012, foi dada uma batida na porta dos meus sonhos esquecidos e adormecidos no meu inconsciente. Batida essa feita por um telegrama de convocação daquele concurso realizado no ano de 2007. Isso me fez lembrar das brincadeiras de criança em que eu era a professora dos meus irmãos, das amigas, admirando minha tia com seus trabalhos na educação Infantil.

Então, digo que foi a educação que me escolheu. Eu me escondi, fugi por caminhos opostos, mas mesmo assim ela me escolheu. Foram anos bem difíceis até entender o meu papel dentro daquele espaço de educação. O que eu sabia sobre crianças tão pequenas era escasso, bem dizendo, nada além do papel que eu administrava bem, o de ser mãe e tia da minha única sobrinha.

Isso até parece um bom começo, mas não se engane. Ser educadora vai além desses papéis, vai além do colo e do aconchego nos dias ruins, vai além daquelas paredes decoradas com trabalhos feitos por mãos tão pequenas.

Minha descoberta se inicia aqui. Eu poderia dizer diversas coisas, planos, sonhos, necessidades e desejos, sentimentos, momentos e fatos que nos levam por outros caminhos e escolhas. Mas, na verdade, o sonho de um

dia fazer uma faculdade foi se tornando tão distante e impossível aos meus olhos, que já não pensava mais em conquistá-lo.

Após todo processo de formação no curso, consigo refletir sobre o papel de cada um, nos grupos pelos quais transitei e transito, e como as pessoas e suas histórias nos tocam e nos influenciam. Antes de me encontrar e me reconhecer como educadora, o Ministério Público exigiu que a prefeitura do Rio de Janeiro cumprisse a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB, que determina, como formação mínima para atuar na educação infantil, o curso médio normal. Isso fez com que eu corresse atrás de cumprir as exigências, me matriculando em um curso normal, indicado por algumas colegas.

Eu não tinha consciência do meu papel e da minha obrigação como educadora, demorei a ter identificação, pois o curso, apesar de dinâmico, era focado apenas em formar esses educadores para cumprir a tal exigência. Desisti e tranquei, mas incentivada por alguns colegas, vendo que para dar outros passos era preciso seguir, consegui concluí-lo com muita dificuldade. Durante essa formação, com as leituras e os trabalhos, conhecendo pessoas de fato interessadas em mudar o olhar para a educação, fui tomando consciência dessa etapa tão importante que é a Educação Infantil.

Durante algumas mudanças internas na instituição, fui designada a trabalhar no berçário, onde fiquei próxima a uma pessoa que tornou-se peça fundamental para hoje eu estar aqui relatando esse momento: Suame Rezende, ex-aluna do Instituto Pró-Saber. Fico emocionada ao lembrar-me desse momento em que eu me apaixono pela educação, em que eu tomo consciência do meu papel de educadora, em que vejo que posso ser fonte de mudança e esperança!

Dividir uma turma com uma pessoa extremamente capacitada e consciente do seu papel, conhecedora da teoria e da prática, do respeito à criança como protagonista, me instigou a buscar por crescimento na vida pessoal e profissional. Aos poucos, percebi que era preciso querer saber sempre mais, mesmo quando achamos que sabemos o suficiente.

Suame conseguiu ver em mim coisas que nem eu mesma conseguia enxergar e digo a ela todos os dias: se hoje sou capaz de fazer o meu papel, é porque ela fez o dela, me incentivando a buscar por esse conhecimento e fazendo-me apaixonar por essa educação, que parece tão distante do ideal.

Mesmo diante das inúmeras dificuldades encontradas, nunca desistiu do seu papel de educadora, sempre fez com que seus pares enxergassem além do óbvio, além de um único só objetivo. E assim, de repente, você se vê na obrigação de buscar saber além da prática qual é realmente o seu papel como educadora.

E sim, parecia tão distante a possibilidade de um dia me formar... Eu não conseguia me ver fazendo parte dessa mudança pela qual a educação vem passando e progredindo, apesar de todos os percalços. Sonhava em um dia saber compreender, durante uma reunião, os assuntos abordados, participar dos projetos com a certeza do meu entendimento, auxiliar dentro das propostas pedagógicas, sem medo de errar. Sonhava apenas em saber enfrentar os desafios diários de uma sala de educação infantil com base e teoria.

Ver a Suame atuando em sala, me deixava encantada, emocionada. Eu desejava inconscientemente um dia ter um pouco da sua sabedoria, da sua prática em ser de verdade uma educadora, independente da posição ou do cargo dentro de uma instituição (hoje auxiliar). Mesmo com ela me dizendo que eu sabia muito, e que estava pronta, que só me faltava a teoria, me encorajando e incentivando, eu tinha medos e receios. Porém fui tomada por coragem, quando ela, junto a minha diretora Inês Elizabeth, me falou da oportunidade de fazer o vestibular e ter a possibilidade de cursar gratuitamente no mesmo lugar que aquela pessoa que eu tanto admirava fez sua graduação. Não fazia ideia do que eu estava fazendo; fui levada pela emoção e pelo desejo, pela paixão de saber um pouco mais.

Hoje compreendo que fui levada pelo desejo de descobrir o meu papel como educadora, de me tornar um modelo, um exemplo aos colegas, familiares, alunos. Era a conquista de um sonho impossível, o fracasso sendo realizado, as amarras sendo quebradas. O desejo sempre esteve aqui guardado em meu inconsciente, precisando apenas de uma chave para virar a tranca. Foi mergulhando nas mais profundas lembranças, foi me vendo no outro, foi buscando possibilidades, sonhando com o novo a partir do velho desejo, que eu vivi de uma maneira tão intensa e tocante a minha tão sonhada graduação.

1.2 Metodologia da pesquisa

A metodologia da pesquisa da monografia foi a escavação das minhas memórias nos três anos do curso. Para isso, voltei no tempo tão presente que é a minha graduação. Foi preciso dar alguns passos atrás para evidenciar minha experiência nesse grupo e nessa Instituição. Segundo Jorge Larrosa (2002, p. 21), "a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, e que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca".

Essa metodologia fez com que eu pudesse reviver as experiências da formação, olhando mais de perto todo esse caminho, percorrido durante esses três anos, que transformou o meu olhar e minha prática dentro e fora da sala de aula. Muitas coisas acontecem quando estamos num processo de transformação, por isso, essa metodologia foi essencial para que eu pudesse evidenciar e falar sobre essa formação. Como diz Larrosa (2002), precisamos viver essa experiência e não somente passar por ela. Muitas coisas acontecem, mas poucas nos tocam, nos fazem refletir, nos tiram do lugar. Falar sobre essa transformação é como ver uma borboleta sair do casulo.

Esse mergulho na minha formação e na construção das minhas aprendizagens com o outro ampliou o olhar e deu mais sentido e importância aos registros escritos e fotográficos que fizemos ao longo do curso. Foram eles que me serviram de documento, que auxiliaram todo o processo até aqui, dando suporte para esta pesquisa.

Escrever sobre essa experiência pode ainda contribuir para motivar pessoas que almejam a transformação. Foi durante uma das aulas da disciplina de Metodologia de Pesquisa, com a professora Cristina Porto, que fui tomada por emoção e consciência do meu papel. Na aula do dia 2 de agosto de 2021, conheci, através de um documentário, Guiomar Novaes, pianista brasileira, que, com certeza, teve medos, angústias, desejo de desistir; contudo, não parou, não retrocedeu, e conquistou o seu espaço, chegando a lugares que podemos dizer inimagináveis para uma menina. Iniciou sua carreira bem jovem e, com dedicação e persistência, mostrou que podemos chegar a lugares guardados no nosso inconsciente. Nesse filme sobre Nelson Freire¹, outro pianista fantástico, ele faz uma homenagem a ela e me fez ver um pássaro que olha a imensidão do céu, a grandeza do mundo e voa alto, para alcançar seu

¹ Documentário "Nelson Freire", dirigido por João Moreira Salles, 2003.

alimento, desviando de seus predadores, que talvez o impediriam de alcançar seu objetivo, ou simplesmente, sentindo a liberdade de seguir seu destino de ser pássaro.

Acredito que foi essa a sensação que Nelson teve ao recordar seus momentos com Guiomar: liberdade, desejo de seguir, exemplo a ser seguido. Nelson traz a importância do outro em nossa vida, as marcas deixadas e a permanência da existência em nós. Somos aprendizes, aprendemos e aprimoramos as técnicas ensinadas.

Fiquei emocionada ao lembrar dos momentos que até aqui construí ao escavar as minhas memórias e poder ver a diversidade de conteúdos, lembranças, pessoas, momentos, sentimentos, que me deram base e fundação para construir o maior dos meus feitos: concluir esse curso de formação superior, e poder falar sobre essa experiência de mergulhar nas minhas memórias e dividir com o outro tudo que vivi. É como afirma o poeta Antônio Cícero (1996), no poema “Guardar”:

Guardar uma coisa não é escondê-la ou trancá-la.
 Em cofre não se guarda coisa alguma.
 Em cofre perde-se a coisa à vista.
 Guardar uma coisa é olhá-la, fitá-la, mirá-la por admirá-la, isto é, iluminá-la ou ser por ela iluminado.
 Guardar uma coisa é vigiá-la, isto é, fazer vigília por ela, isto é, velar por ela, isto é, estar acordado por ela, isto é, estar por ela ou ser por ela.
 Por isso melhor se guarda o vôo de um pássaro
 Do que um pássaro sem vôos.
 Por isso se escreve, por isso se diz, por isso se publica,
 por isso se declara e declama um poema:
 Para guardá-lo:
 Para que ele, por sua vez, guarde o que guarda:
 Guarde o que quer que guarda um poema:
 Por isso o lance do poema:
 Por guardar-se o que se quer guardar. (CÍCERO, 1996, p. 337).

Antônio Cícero apresenta esse verbo com a intenção de mostrar a importância de dividir, compartilhar. Essa ação conversa muito com vivências e experiências sobre tempo e acontecimento: guardar sem esquecer onde e como guardou. Não se tranca em um cofre ou deixa-se lá no fundo da memória. A escavação de memórias como metodologia de pesquisa ensina que podemos admirar e refletir sobre o guardado de cada um. Se não falarmos ou escrevermos, como iremos socializar e dar sentido a tantos sentimentos que transbordamos nesse processo de aprendizagem?

Figura 1 -- Objetos que falam de tempo e experiências assim como nossa monografia



Fonte: Arquivo pessoal.

Fotografias, registros escritos, livros. Esses foram os documentos que guiaram as trilhas que segui para auxiliar e embasar minha pesquisa e escrita da monografia. Entre várias possibilidades, foi possível selecionar, por exemplo, alguns registros reflexivos; registros temáticos escritos por mim; textos de autores da área; registros fotográficos, entre outros.

No próximo capítulo, é apresentado o resultado desse processo de escavação.

2 INDO DE ENCONTRO A MIM, RESSIGNIFICANDO O MEU OLHAR

A verdade é que eu nada sabia sobre o quanto é doído aprender, conquistar, se despir daquele ser que você jura conhecer cada fio de cabelo, reviver memórias e histórias que você nem sequer achou possível lembrar. Ouvir falar não é o mesmo que vivenciar. O meu conhecimento sobre o Pró-Saber era baseado somente nas maravilhas contadas pelas minhas colegas de trabalho, Suame Rezende e Michelle Marie, que também fizeram parte desse curso, que foge à normalidade, que transcende qualquer achado do saber. Com toda certeza, suas experiências contribuíram para que eu seguisse dando todos os passos até aqui. Em uma síntese escrita logo que comecei a formação escrevi: “A descoberta de se permitir um novo tempo, e assim valorizar grandes momentos. Eu, você e o mundo na busca incansável da perfeição. É algo que nos leva ao sensível ato de escutar, observar, e tocar o outro. (SANTOS, 2019).

Retomar o sonho de cursar uma faculdade já me fazia imaginar a loucura que seria voltar a estudar, depois de anos, casada e com filhos. A certeza da dificuldade era um fato consumado. Imaginei que contaria a mesma história das minhas amigas que fazem faculdade, que eu hoje chamo de “faculdade normal”. Mas estar nesse espaço de educação, o Pró-Saber, é algo mágico... Nunca imaginei que o saber me daria a sensação de liberdade.

Busquei esse caminho e vi minhas asas se abrirem depois de tanto tempo presas, cortadas. O encontro com meu eu foi essencial para poder me vestir de saber, esticar minhas asas e voar, sentindo o vento bater no rosto e sorrir com a sensação que todo esse vôo me causa.

Este capítulo apresenta parte da criança que minha memória consegue alcançar, revelando as marcas, os medos que, quando crescemos, não sabemos como curar. É preciso ressignificar o olhar e criar meios para redesenhar a estrada em que desejamos viajar. Início narrando o processo provocado, sobretudo, no primeiro ano do curso de mergulhar na minha história, desde a infância. Em seguida, apresento os instrumentos metodológicos fundamentados na concepção democrática de educação e reflito sobre como experimentá-los ao longo dos três anos me afetou. Por fim,

destaco as experiências com a arte que marcaram a minha trajetória na formação.

2.1 Um mergulho em mim

Era uma menina tímida, que andava de cabeça baixa, com os pés nem sempre firmes no chão. A sensação era de andar em poças de areias movediças; olhar nos olhos era impossível diante dos meus medos, a fala sempre baixa, com a vergonha de ser notada presente em qualquer lugar que chegasse. Em casa era sempre frio, mesmo tendo a certeza de todo amor que naquele pequeno espaço existia, a vida era boa, porém sem abraços, sem beijos, sem um eu te amo.

Meus pais foram criados assim e tudo se repetia: as surras, as falas, os castigos, a indiferença quando íamos bem na escola. Sempre foi minha obrigação cuidar dos irmãos, arrumar a casa, me calar quando um adulto falava mesmo tendo razão, pedir desculpa sem ter errado, e me recolher quando queria ficar um pouco mais. O refúgio era me isolar e desistir quando tudo ficava mais difícil.

Hoje, com a experiência da formação no Pró-Saber, vejo o quanto somos reflexos de histórias que não escrevemos, reflexos de dores que não nos pertencem. Estar aqui escrevendo a transformação de minha vida é a maior conquista. Então, em algum momento, é preciso mudar esses fatos, essa repetição de ciclos, pois a vida não precisa ser tão difícil como me foi apresentada.

Diante de muitos sonhos e expectativas que criamos e recriamos a todo tempo em nosso processo de aprender a viver, a construir, a realizar e conquistar, eu poderia enumerar ou descrever em detalhes todo esse caminhar. Seria então a tal necessidade de ter uma profissão, alimentar o ego do saber, o desafio que me foi imposto a vida inteira de cursar uma faculdade, o fracasso do processo, o desejo de ser o diferencial na vida pessoal e profissional? Quais desses passos me trouxeram até aqui? Posso dizer a todos, que viver seria tudo isso e um pouco mais, a motivação é composta de variações dos sentimentos e ações.

Sem perceber, muitas vezes, deixamos de lado os nossos sonhos, o nosso eu, a nossa identidade. E assim fui me perdendo nas dificuldades e embarcando nas pequenas oportunidades que surgiram durante esse caminhar. Somos tão jovens e o tempo pode esperar. Será? A vida é uma incerteza constante e evidente, e porque temos que deixar a vida nos levar, sem propósito, desejos, sem foco? É preciso traçar linha por linha desse sonho, tirar do pensamento e do coração. Sonho que não se escreve, com certeza fica difícil de se realizar. Foi escrevendo que descobri que as palavras são a materialização do pensamento.

Hoje, aos 42 anos, procuro desenhar em palavras o caminho que fiz até chegar nesse espaço chamado Instituto de Educação Superior Pró-Saber.

É evidente que durante o trajeto transitei em diversos grupos, além das minhas parentelas, e conheci pessoas que fizeram diferença nesse processo de viver. Ao longo do tempo, fui descobrindo minha identidade, minhas características, identificando meus medos, meus sonhos e desejos. Nessa convivência coletiva aprendi a admirar pessoas, desejando ser como algumas delas. Uma história de vida que inspira pessoas não pode ser guardada em cofre ou gavetas. E foi ouvindo, observando, admirando, desejando, sonhando que aqui estou para escrever a minha.

Quando iniciei o curso, achava que estava pronta e preparada para esse desafio. Já havia escutado de algumas pessoas suas experiências como graduandas em outras instituições de ensino. Estudar, trabalhar, ser mãe, esposa, tudo ao mesmo tempo, não seria nada fácil. E foi devido a esses fatos que nos organizamos para dar conta do recado, mas nem nos meus mais profundos sonhos imaginei experienciar essa trajetória escrita no Pró-Saber.

Buscar mergulhar em minha história de vida, em minha infância, abrir feridas, fechar buracos, muitas vezes me perguntei: como que tudo isso teria importância para a minha formação como educadora e para a transformação do meu ser?

Figura 2 -- O que dizem meus olhos?



Fotógrafo desconhecido. Registro feito na escola.

Nessa foto, eu sabia que queria fazer algo diferente. No auge dos meus seis anos de idade, cursando a alfabetização, já sonhava e desejava mudar o roteiro pré-escrito para a minha história, como menina negra, favelada, com pais sem estudos, oriundos de uma cidade pequena em busca de seus sonhos, que eu acredito não terem sido concretizados. O que mudou nessa menina? Quais motivos a fizeram esquecer esses sonhos e desejos?

Pensando nas propostas com as quais o primeiro semestre foi conduzido, consigo identificar as pedras deixadas nessa trajetória. Escavando as lembranças de minhas memórias, consegui buscar evidências claras e objetivas para a conclusão do curso. Nas propostas da formação de mergulhar nas minhas memórias, encontrei aquela menina desejante, que sonhava mudar sua vida e a vida de seus pais. Achei a menina que admirava sua professora, a menina que adorava ler e viajar nas histórias, a educadora que de alguma forma escolheu estar com as crianças. E assim, fui tomando consciência da necessidade de ser dona da minha própria história e não deixar que ocasiões da vida tomem as rédeas dos meus passos. É preciso coragem para se despir diante de pessoas as quais não conhecemos, não temos vínculos, e dividir nossos medos e fraquezas.

Seria de fato relevante resgatar minha história? A memória é um dos alicerces que dá e faz a vida ter sentido. Durante esse primeiro contato, a mim foram suscitados diversos sentimentos. Algumas vezes senti angústia, medo, alegria, saudades, vergonha. Refazer o caminho e observar com paciência os detalhes antes não percebidos nem sempre foi fácil.

A vida do ser humano é baseada na busca. Estamos sempre procurando algo que dê sentido à vida, ao presente, passado e futuro. Mergulhar em mim, conhecer a minha história, conseguir identificar as marcas deixadas, fez com que eu conseguisse entender todas as dimensões pelas quais somos construídos. Somos incompletos, há sempre um vazio, uma falta. E na busca incessante de acharmos a parte que nos falta, seguimos desejando e sonhando. Modificar-se é preciso, como diz Madalena Freire (2008, p. 25); "Só aprendemos e ensinamos por amor ou ódio, nunca na indiferença".

Não posso ser indiferente à minha história, à história de cada indivíduo que cruza o meu caminho. Como irei modificar ou me propor a mudanças dentro da profissão que escolhi, na vida que desejo seguir, nos sonhos que me propus realizar, sem olhar para mim mesma e para o outro?

Quando me perguntava como cheguei a esse lugar de educadora, a resposta era sempre a mesma: nunca me vi nesse lugar de escolha. Por acaso, estou aqui nesse espaço, como algo imposto, pensava. Mas, na verdade, eu escolhi mesmo sem saber o que me esperava. Eu escolhi ser educadora. É a primeira vez que digo isso para mim mesma, é a minha tomada de consciência sobre as minhas escolhas.

2.2 Os instrumentos metodológicos

O meu processo de aprendizagem foi dolorido, cheio de curvas e buracos nos quais tropecei diversas vezes. As experiências vividas causaram uma impermanência de sentimentos, um duelo de identidade e de verdades, uma desordem entre o não saber e o saber.

A mudança se iniciou, quando fui apresentada aos instrumentos metodológicos usados no curso: **observar, registrar, avaliar e planejar**. Com eles, a cada aula, somos convidados a compreender esse processo de formação na democracia, com respeito e valorização da identidade, da história e do conhecimento de cada um.

Mas, ao mesmo tempo que tudo isso é fundamental para toda transformação desse educador-educando, torna-se desafiador, levando ao medo e ao desespero. Assim como tudo que nos faz sair da zona de conforto, causa esse enjôo, mal estar, incomoda, machuca, mas também dá prazer. Jamais poderei ser a mesma Daniele que entrou no dia 05 de agosto de 2019 pelos portões dessa instituição, no primeiro dia de aula.

Olhar parece algo natural na vida do ser humano, mas aprendemos que é preciso aprender a olhar o mundo com olhares observadores, a escutar com a sensibilidade de se doar, a registrar o momento com palavras escritas para refletir sobre nossas ações e tudo o que nos rodeia, a avaliar a minha vivência dentro desses sentidos tão óbvios e muitas vezes mal utilizados. São essas ações que fazem com que o planejamento da vida pessoal e profissional deixe de ser mecânico e rotineiro.

Os pontos de observação, perguntas feitas pelo professor, com objetivos baseados nos conteúdos das aulas a serem observados, tornam-se essenciais para mudarmos esse olhar comum e óbvio. Com eles, o aluno avalia o seu processo de aprendizagem, o ensinar da professora e como o coletivo participou da aula. É uma atividade realizada em todas as disciplinas, que demanda da pessoa responsável uma escuta apurada e atenção. É preciso estar mergulhado, estar presente por inteiro, além de ter coragem em expor o que pensa.

No início, essa prática me causou muita angústia, muito medo. Como avaliar um professor, um grupo, dizer de verdade o que se pensa, se expor e expor o outro? Segundo Madalena Freire (2008, p. 62), "o medo faz parte do processo de aprendizagem, do agir, do fazer. Termômetro que se está nascendo, construindo novo, e o gosto do medo no corpo".

O medo fez parte diariamente do processo de minha aprendizagem. Com os instrumentos metodológicos, fui provocada a refletir sobre o meu agir e o meu pensar. No entanto, o medo muitas vezes me causou paralisia, me fez recomeçar diversas vezes, me fez chorar e repensar cada passo dado, desde o dia que pisei pela primeira vez no Pró-Saber. Não era medo de arriscar, de entender o meu limite, mas sim, de não dar conta, de não conseguir, medo de afundar, de causar frustrações nas pessoas que apostaram nas minhas escolhas. Muitas vezes esse medo se transformava em tristeza, e, por uma

tomada de consciência, fazia-me entender que somente eu podia abrir as portas e as janelas para que tudo aqui dentro florescesse e as frestas de luz surgissem.

Ser aluna do Pró-Saber exige nos despir do nosso eu, exige sacrifícios e, além de tudo, exige que você mantenha a fé e a esperança inabaláveis. Exige que você pule de olhos fechados e acredite que sua escolha fará com que tudo dê certo, mesmo quando é preciso remar contra a corrente forte; mesmo que lhe falte o fôlego, é preciso seguir.

Foi sentindo medo, que descobri que não quero perder esse frio na barriga ao iniciar um novo ano e ter a sensação de que estou entrando em uma sala de aula pela primeira vez, de ter o coração batendo forte, de que nunca me falte o medo e desejo que me impulsiona a buscar sempre para o meu crescimento como ser humano, dentro e fora de uma instituição de ensino. Desejo que os afagos cheguem, mas que eles não adormeçam essa educadora que sonha, sabendo qual sua posição dentro do espaço de educação, que eu não perca a esperança, que eu caminhe descalça para sentir o chão, que escute mais do que fale, que a partir da observação possa ampliar o olhar e a escuta para auxiliar na construção diária não apenas dos seus educandos.

Também quero ter sempre as minhas minhocas, os meus piolhos, as minhas inquietações, e assim continuar buscando e caminhando no desejo de ser um EDUCADOR. Como afirma o educador norte-americano John Dewey 1897 apud SILVA, 2019, p. 1), "a educação é um processo de vida e não uma preparação para vida futura, e a escola deve representar a vida presente tão real e vital para o aluno como a que ele vive em casa no bairro ou no pátio" .

Como aluna e educadora, compreendo os instrumentos metodológicos como alicerce para estabelecer a base concreta do meu processo. É preciso registrar para armazenar e obter informações sobre ações reais, ter conteúdo para refletir e repensar sobre minha prática e meus estudos. Essa prática permite olhar para a rotina, sem ser engolido pelo tempo, e criar propostas que façam sentido, de modo organizado, delimitado e objetivo, com rigor e sem rigidez. A avaliação não serve para expor o outro e sim para entender o processo e construir junto o caminho do aprender, planejar e construir.

Como Madalena Freire (2008, p.185-187) afirma, "toda mudança acontece num processo de pequenas e grandes descobertas. Toda mudança acontece num processo de pequenos e grandes clarões de consciência". Mudar e sair da zona de conforto é preciso, e todo esse processo de mudança exige o querer, o desejar, além de muita ter paciência, esperança e fé de que tudo vai dar certo.

2.3 O olhar para a criança

Durante o curso, ressignifiquei o meu olhar para as crianças, reconhecendo-as como sujeitos de direitos. Fui alfabetizada em uma época em que a criança era vista apenas como receptora do conhecimento do adulto, que disciplinava, ensinava, dominava e transmitia seus conhecimentos, sem levar em consideração toda história e bagagem trazida por ela.

Quando lembro do início da minha atuação profissional na educação, no ano de 2012, como Agente de Educação Infantil na Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro, percebo o quanto meu olhar para as crianças mudou. Na época, entendia que a minha atribuição era apenas cuidar da higiene pessoal, da alimentação, sem propósito, sem um objetivo pedagógico. Baseada numa concepção autoritária e dominante, acreditava que minha função era conter as crianças e mantê-las numa ordem para que o professor pudesse ler uma história e realizar as atividades planejadas.

A mudança da minha compreensão sobre as crianças, e consequentemente sobre a minha função, foi mobilizada, entre outras coisas, pelo estudo sobre a história da educação infantil e o conhecimento dos documentos oficiais que orientam o trabalho nessa etapa da educação básica. Os documentos afirmam: as crianças têm direitos.

Conhecemos o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil - RCNEI (BRASIL, 1998), um documento elaborado pelo Ministério da Educação, com orientações para o trabalho na Educação Infantil a partir de áreas do conhecimento, que continha objetivos de aprendizagens. A publicação desse documento causou grande polêmica, já que esse documento não trazia a criança, seus saberes, sua história como foco (LISBOA; QUILLICI; PRADO, 2016). Porém, tendo em vista que vivemos num lugar onde temos uma pluralidade de pessoas e contextos diversos de vidas e infâncias, acredito que

esse documento, apesar de toda contradição, levou os educadores a buscar e ampliar seus olhares, buscando por melhorias e direções documentais qualitativas.

Já as Diretrizes Nacionais para Educação Infantil - DNCEI (BRASIL, 2009), na minha compreensão, focalizam a criança, passando a enxergá-la como sujeito histórico e de direitos, que se desenvolve nas interações, nas relações, nas brincadeiras. As crianças constroem seus aprendizados antes mesmo de estar dentro de uma creche ou pré-escola. Elas chegam com suas histórias, e o educador deve ter um olhar voltado para as narrativas que elas trazem como bagagem, para as suas vivências. Ser educador envolve ter uma escuta sensível às suas falas e um olhar voltado para as experiências dentro e fora da instituição de ensino.

Na minha vivência nesses quase onze anos na educação infantil, estou buscando aprimorar a minha prática e entender essa primeira etapa educacional na vida das crianças. Meu propósito é transformar este espaço chamado de creche em um lindo lugar para a criança aprender, construir, experimentar, se relacionar, se descobrir como sujeito pensante e produtor de cultura.

2.4 Experiências com a arte

Quando busco adquirir conhecimentos, me vejo mais reflexiva, questionadora, o que me leva a produzir conteúdos, perguntas, dúvidas, diálogos mais conscientes e objetivos. Quando busco por esse crescimento profissional, sou transformada em diversas áreas da vida, transmutando a sensibilidade do olhar, da escuta. Passo a ver com vontade de enxergar o outro. Enquanto eu apenas desejava adquirir esse conhecimento para ter segurança em sala e ter conteúdos que contribuíssem para o desenvolvimento dos alunos, conseguir futuramente um espaço como professora, tudo isso ficava apenas no imaginário do desejo. Antes da experiência vivida, eu não me via como educadora, modelo, ou parte desse contexto pedagógico. O desejo era apenas um sentimento de falta, de vazio. Hoje, o desejo caminha com a necessidade de pesquisar, adquirir e dividir, não só com os educandos, mas com todos que eu possa ter a oportunidade de relatar essa transformação.

Saí do papel de reprodutora e entrei na ação de criar e construir a partir de cada experiência vivida no coletivo e no individual, levando ao mundo a certeza de que a educação transforma o ser humano, cria possibilidades, abre portas e janelas, nos faz crescer socialmente e culturalmente. Ao escavar as minhas memórias e refletir sobre meu processo de formação, percebo que essa mudança foi provocada principalmente pela experiência com a arte durante todo o curso.

Figura 3 -- Os primeiros degraus



Fonte: Arquivo pessoal. Pró-Saber, fotografia tirada por Erika Oliveira, em dez. de 2019.

Como já disse, não sou a mesma Dany, depois de tudo que vi e construí nesses três anos de curso. Não só percebo uma mudança no olhar para a minha prática, mas para a vida. Hoje não posso andar nas ruas sem admirar uma construção antiga e sem querer saber sua história. O mesmo acontece ao ler um livro que fale de gente, do nosso Rio de Janeiro em sala, ou ao buscar

programas dentro dessa nossa cidade. Poder enxergá-la como um museu a céu aberto, me faz lembrar da professora Melissa Lamego, que acompanhou a turma nesses três anos de formação, permitindo ampliar meu olhar a cada módulo estudado, a cada passeio cultural realizado, presencialmente ou virtualmente.

Digo virtualmente, pois iniciamos com as aulas presenciais no dia 5 de agosto de 2019 e, em 13 de março do ano de 2020, fomos tomados pela incerteza e o sentimento de medo. Uma pandemia nos fez ficar em casa por longos meses. Mas tudo que parecia perdido e inviável foi se tornando possível graças à tecnologia digital. Sem sair de casa, ouvimos ópera, passeamos pela cidade, visitamos lugares históricos e conhecemos melhor o lugar que vivemos.

Foi durante as aulas de Alfabetização Cultural e Oficina de Leitura e Escrita, que vi minha vida profissional e pessoal ser reconstituída. Essas disciplinas mudaram o meu modo de ver o mundo, me transformaram como ser humano, me fizeram enxergar a educadora que sou, assim como o Pró-Saber e seu corpo de administradores e educadores. A arte faz parte dessa transformação desde os primeiros passos dados naquele lugar que digo ser mágico. O Pró-Saber tem uma energia única, que arrepia a pele e faz cada batida do coração valer a pena.

Figura 4 – Encantamento



Fonte: Arquivo pessoal. Pró-Saber, 7 de ago. de 2019.

A primeira orquestra que assisti na vida foi no Jardim do Pró-Saber, no dia 7 de Agosto de 2019. Escavando minhas memórias e revendo momentos a partir dos registros, é possível voltar no tempo e sentir a mesma emoção. Fiquei surpresa ao chegar à faculdade e encontrar no Jardim uma orquestra, onde crianças e adolescentes encantavam adultos. Foi no Jardim do Pró-Saber que meu olhar mudou para essa arte que nos toca, nos tira do lugar. Quando vi crianças fazendo parte dessa transformação, percebi que é possível sim chegar a lugares inimagináveis, pela beleza de se encontrar e se sentir pertencente a esse mundo que é nosso.

Foi nesse mesmo palco que assisti a peça “Hamlet”, de William Shakespeare, também encenada por crianças. Meu coração batia forte, e meus olhos ficaram úmidos com as lágrimas que saltavam incontrolavelmente. A arte me fez conectar com os sentimentos mais profundos. Provocou em mim uma leveza na alma. A arte faz com que o mundo à nossa volta se transforme, ajudando a refletir, a imaginar, a criar um constante encantamento. Cada vez me permito mais ser tocada e transformada pela beleza de ver o mundo

através das cores de um caleidoscópio, que me coloca em contato com minhas memórias e com as importantes histórias que vêm desde os tempos da pré-história, em que pinturas, gravuras e esculturas, feitas nas pedras, já registravam o cotidiano e os rituais, como meio de expressão humana.

Figura 5 – Arte que transforma o mundo



Fonte: Arquivo pessoal. Pró-Saber, 09 de set. de 2019.

Essas experiências provocaram uma tomada de consciência em mim de que podemos sim mudar cada espaço em que tivermos oportunidade de falar dessa educação que transforma, dessa arte que está presente no nosso dia a dia dentro do espaço creche. A arte nos leva a diversas dimensões. Além de encantar, auxilia a criança a alcançar habilidades motoras, cognitivas e emocionais. Amplia suas possibilidades de expressão e de relação com o outro, consigo e com o mundo.

Eu tenho paixão por essas disciplinas - Alfabetização Cultural e Oficina de Leitura e Escrita - que provocaram em mim esse encantamento com a arte. Costumamos pensar apenas na Matemática e no Português como conteúdos de peso. A arte não era vista por mim como um dos conteúdos transformadores. Mas, quando me aproprio desse conhecimento e sou tocada por viver num país onde somos divididos por uma pluralidade de culturas,

sotaques, raças, estilos musicais, crenças, vejo a necessidade de levar para dentro do espaço da creche esse primeiro olhar.

A experiência com a arte pode ampliar as possibilidades de escolha e mostrar a cada criança que o mundo é maior que o seu quintal, ou sua sala, ou sua rua. Foi nessas disciplinas que conheci Igor Gonçalves, escritor; Ton Valentim, fotógrafo; Conceição Evaristo, escritora; Djamila Ribeiro, escritora; Emicida, escritor e músico; Rebeca Andrade, atleta; entres tantas outras pessoas e histórias. Essas experiências me fizeram ver o quanto podemos ser fonte de inspiração, representatividade e modelo para provocar no outro o desejo de buscar e mudar sua história, através da arte, da leitura e do conhecimento.

Hoje, me sinto cheia de consciência, de cultura e de desejo de fazer com que minhas crianças cresçam e entendam que elas podem chegar aonde elas quiserem. Elas só precisam descobrir a força que tem o povo, e fazer sua voz ser ouvida. Elas podem fazer isso através da escrita que transforma, do ato de ler consciente de que a literatura é janela que não se fecha, da arte plástica ou fotográfica, que pode dar sentido às palavras e aos sentimentos.

A arte cria possibilidades, e hoje sou fruto de uma oportunidade. E acredito nas possibilidades de mudar e transformar cada chão que meus pés pisarem, cada ouvido que minha voz tocar, cada corpo que minhas mãos abraçarem, cada corpo que meu colo acolher.

Alfabetização Cultural e Oficina de Leitura e Escrita foram as disciplinas em que aprendi a valorizar minha raiz, minha história, minha inteligência de favelada, minha beleza de pele negra. Aprendi a ter certeza de que sou capaz, afirmando que jamais serei a mesma pessoa após cada livro lido, cada lugar visitado, cada história ouvida. Quando se tem o desejo de mudança, a oportunidade de mudar, cabe a mim e a você aproveitar.

Figura 6 -- Meu segundo contato com a arte que transforma



Fonte: Arquivo pessoal. Theatro Municipal, 14 de setembro de 2019.

3 O DESEJO DE EDUCAR O MUNDO E A ARTE COMO POSSIBILIDADE

Nesses três anos de formação, aprendi a dividir, doar, experimentar, escutar, observar, registrar. Aprendi a não ser omissa. Aprender foi como um fogo que queima a pele. O saber foi a chama que aquece o coração e enriquece o cérebro, fonte que nunca seca, mesmo quando pensamos que não mais sentimos sede ao final da corrida. O aprender se faz necessário para sobreviver e viver em ação. Em síntese escrita em 2020, registrei minhas descobertas:

Ser criança é sorrir com os olhos a chegada de quem se ama.
Ser criança é correr sem medo de cair.
Ser criança é ter o abraço mais sincero e aconchegante.
Ser criança é usar todos os cinco sentidos para apreciar um bolo de chocolate.
Quando tudo lhe faltar, deixe a criança que está dentro de você falar, pois ser criança é saber conjugar o verbo amar mesmo antes de saber pronunciar. (SANTOS, 2020b).

Essa ação me fez querer levar para dentro do espaço da creche experiências com arte que podem produzir um olhar sensível das e para as crianças. Penso que a arte como possibilidade de dar vez e ouvir essa criança, que muitas vezes não é escutada, e ampliar suas referências artísticas e culturais.

Neste capítulo, apresento minhas reflexões sobre a arte na Educação Infantil a partir das mudanças que a formação provocou na minha prática como educadora. No primeiro momento, reflito sobre a transformação do olhar para o cotidiano na creche, tendo como foco o trabalho com a literatura. Depois, reflito sobre como a linguagem fotográfica tem contribuído para registrar as experiências com as crianças e planejar a partir delas. Por fim, reflito sobre pertencimento e ampliação dos repertórios culturais e estéticos, a partir do relato de uma atividade com artes visuais,

3.1 Imaginar, criar, ler e brincar

Não é nada fácil dividir um espaço com educadores que se mantêm engessados no sistema e por uma rotina repetitiva. Meu primeiro passo para a mudança foi introduzir os livros para serem pesquisados, acessíveis ao toque e ao olhar curioso de uma criança. Foi durante as aulas das disciplinas Oficina de

Leitura e Escrita e Prática Pedagógica que o meu olhar ficou atento a esse pequeno leitor.

A prática de ler desde muito cedo expande o vocabulário, auxilia na concentração, muda o olhar dessa criança para o mundo que a cerca e é fundamental no processo de alfabetização, que acontece desde o berçário, já que essa criança tem acesso à palavra desde a barriga de sua mãe. Mas... se os livros dentro das Instituições estão sempre em lugares altos e pouco acessíveis, se esse contato se dá apenas pelas mãos de um adulto no momento da história, será que a criança cria o hábito de cuidar, de pesquisar, de escolher o que deseja ver e ler?

Nesse processo de formação, compreendi a importância de saber escolher um livro de qualidade e de criar atividades que provocam na criança o interesse pela leitura, fazendo com que ela expresse suas opiniões e observações e crie questionamentos sobre o mundo. A literatura não deve ser vista apenas como um meio para apresentação da língua ou o trabalho sobre uma tema específico. O livro de literatura infantil é muito mais que um instrumento pedagógico. É arte.

Vi na minha prática a arte literária ampliar esse processo de aprendizagem das crianças, estimulando suas curiosidades, aprimorando seu vocabulário, sua interação com seus familiares e com o grupo. Essa reflexão foi construída a partir das aulas e de observações do meu cotidiano. Num primeiro momento o sentimento de frustração me tomou, quando precisei olhar para esses dez anos em que atuo em sala de aula, pois constatei que apenas repetia ações e práticas tradicionalistas, sem ter conhecimento e estudo. Essa constatação me causava desconforto e despertava muitos questionamentos sobre minha prática educativa.

Claro que o desejo de buscar por conhecimento é presente, quando estamos falando de ser professor, mas as inquietações ocasionadas pelos mesmos movimentos, pela repetição sem resultados, fez com que eu buscasse modelos e meios de pesquisa para mudar essa minha condição. Vi muitos “saberes” e poucos resultados nesses anos. Parece que “tempo em sala” virou saber. Não estou invalidando os saberes adquiridos, mas dizendo que é preciso junto à teoria colocar em prática modelos que fazem a diferença no

resultado final. Ser educador é viver em constante conflito entre a frustração e a realização, é ser um pesquisador obstinado.

Um dia, resolvi fazer diferente...

Diariamente, recebíamos as crianças na porta, e elas eram direcionadas direto para sentar nas mesas. Qualquer proposta, só era realizada quando todas as crianças chegassem. Isso fazia com que as crianças ficassem ociosas nas mesas, chorando inquietas. Conversando com a professora da turma, sugeri que os livros saíssem das estantes altas e fossem para o tatame, organizados para acolher e recepcionar as crianças.

Figura 7 -- Meu primeiro passo



Fonte: Arquivo pessoal. Aguardando a chegada das crianças com livros, em 12 de set. de 2019.

Nesse dia, as crianças se mostraram diferentes. Logo que chegaram e viram os livros, não resistiram para entrar na sala e foram conferir a novidade.

Figura 8 - O que faço quando tenho liberdade?



Fonte: Arquivo pessoal

As crianças leram do seu modo, mostrando interesse e encantamento pelos livros. Foi um momento de calma, diferente dos outros dias. Essa experiência modificou o nosso planejamento para a chegada das crianças, pois passamos a acolhê-las de diferentes modos: um dia com brincadeiras, outro com exposição dos trabalhos do dia anterior... e livros, muitos livros.

3.2 Fotografar e refletir

Colocar em prática os instrumentos metodológicos mudou a maneira com que eu lido com as minhas frustrações. A observação me coloca por inteiro numa ação, na brincadeira, na fala, fazendo com que o outro possa sentir a veracidade do momento e o desejo da presença. O registro reflexivo muda a maneira com que eu lido com essa observação, permitindo avaliar o passado e o presente, norteando e auxiliando o planejamento das ações futuras. Colocando esses instrumentos em prática, a fotografia, além da escrita, tem se mostrado um importante recurso para registro no meu cotidiano com as crianças.

Esse interesse pela fotografia iniciou-se na disciplina de Alfabetização Cultural, com a professora Melissa. Durante suas aulas online, conheci Ton Valentim.

Anderson Cunha Valentim é um fotógrafo, artista plástico, ativista, músico e diretor carioca. É conhecido por sua participação no projeto Favelagrafia, desde 2016. Nesse projeto, Ton retrata o cotidiano nas favelas do Rio de Janeiro, em especial o Morro do Borel, onde cresceu. Para mim, Ton Valentim é a representação da potência criativa que existe nas favelas. Sua arte tem gerado grandes ações e reações.

Nas aulas, apreciamos as imagens produzidas por Ton Valentin e observamos pequenos detalhes, que poderiam passar despercebidos, mas que podem ser vistos nas suas fotos. Esse modo de ler as fotografias, construído nessa disciplina e em outras, se aproxima com a maneira como podemos ler o nosso cotidiano nas instituições de Educação infantil. Nas creches e pré-escolas, estamos em constante movimento, mas o registro nos possibilita parar para observar detalhes que a velocidade do olhar muitas vezes não consegue capturar. Também refletimos, durante o curso, sobre a importância da fotografia para deixarmos parte da nossa história registrada. A fotografia fala do tempo e das memórias, dos fatos sociais e culturais, tornando-se um grande recurso para acompanhamento do desenvolvimento pedagógico e auxiliando no planejamento diário.

Genecilda dos Santos e Gilvana da Maia (2020), no texto, “Imagens que visibilizam as infâncias: a linguagem fotográfica na educação infantil”, afirmam:

[...] o impulso da fotografia na educação infantil tem ganhado ainda mais espaço a partir da discussão, elaboração e aprovação da Base Nacional Curricular Comum - BNCC (2017), especialmente a partir da perspectiva de trabalho por campos de experiência e a reafirmação das crianças como seres que, desde a mais tenra idade, são portadores de direitos, seres de agência, competentes e capazes, que elaboram teorias, levantam hipóteses, criam e ressignificam a cultura através de diferentes linguagens. Sendo assim, nunca se fez tão presente pensar no processo de documentação das experiências vividas por elas nos espaços de educação. (SANTOS; MAIA, 2020, p. 48)

Na minha prática, as fotografias têm sido utilizadas para registro das atividades, algo que não era tão forte e presente antes da pandemia. Antes disso, os registros eram apenas para a instituição ou para as reuniões de pais

com a intenção de mostrar os trabalhos realizados. Hoje, a fotografia, para mim, vai além dos registros aleatórios, poses ou cenas montadas.

Tornar visível o prazer de aprender e a complexidade de ações e invenções das crianças é uma maneira de incluir os familiares e ajudá-los a entender as potências das crianças. Isso é essencial não apenas no que diz respeito aos próprios filhos, mas também para encorajá-los e apoiá-los nas experiências educacionais de todas as crianças da escola. (GAMBETTI; GANDINI, 2020, p. XII *apud* SANTOS; MAIA, 2020, p. 49).

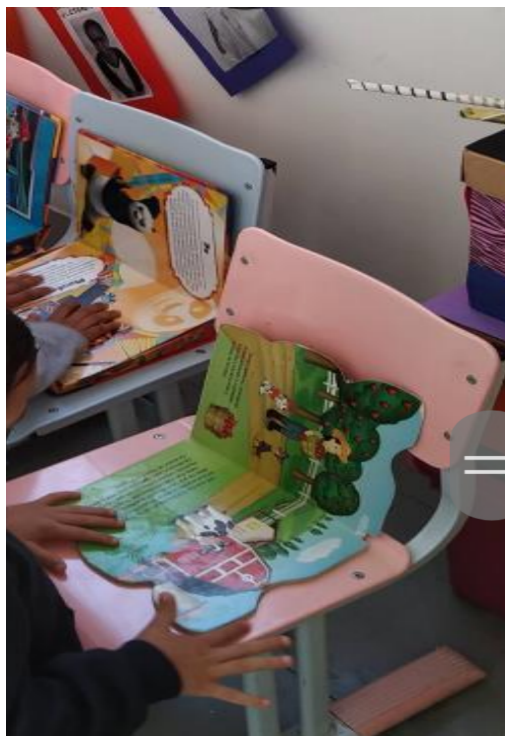
Eu registro com a intenção de somar à minha escrita e criar possibilidades de comunicação com as famílias, levando-as a entenderem o processo de aprendizagem, dar aos responsáveis base e fundamentação sobre os trabalhos realizados na Instituição. Essa ação foi provocada pela reconstrução do meu olhar e da concepção de infância e criança. Como disse, a fotografia tem o poder de congelar, registrar, marcar, trazer aos nossos olhos detalhes incapazes de serem percebidos na ação, no momento de uma brincadeira, atividade etc. Trago como exemplo, as imagens abaixo.

Figura 9 - Registro do cotidiano



Fonte: Registro Professora Jaqueline Lima, em setembro de 2021.

Figura 10 -- E o trabalho continua



Fonte: Registro realizado pela professora Jaqueline Lima, em setembro de 2021.

Essas fotografias registram um momento em que as crianças estavam brincando com os livros e fazendo-os de computador para trabalhar. Essa cena foi muito real no cotidiano das crianças, com os trabalhos em *home office*, e as aulas online. Percebemos que elas reproduzem ações e movimentos que vivem na realidade e criam, com sua imaginação. Essa brincadeira se repetiu no dia seguinte e, nós, educadores, passamos a registrar suas falas. Esses registros (fotográficos e escritos) serviram como base para o planejamento de atividades de modo que esses interesses das crianças fossem contemplados.

3.3 Conhecer, apreciar e pertencer

Neste último item, relato uma atividade com artes plásticas em que uma tela de Fernando Medeiros foi escolhida para falarmos da arte Naif, do cotidiano, da cidade do Rio de Janeiro e do ponto turístico que fica próximo à creche, o Cristo Redentor.

Figura 11 -- Corcovado



Autoria da imagem: Fernando Medeiros. Fonte:

<https://ajur-sp.wordpress.com/2012/05/03/fernando-medeiros-tema-corcovado-medida-50x40-a-venda-com-ajur-sp/>

Juntos, educadores e educandos, decidimos recriar a imagem, atividade que aconteceu durante alguns dias, incluindo a apresentação da tela, do que é Arte Naif, do que víamos, do que conhecíamos, do que gostaríamos de conhecer. Foi um momento de grande aprendizado para todos. Foi especialmente incrível e emocionante quando, com o trabalho exposto na sala, algumas crianças começaram a dizer:

Essa aqui é minha casa.

Ali é a casa da Maria.

Olha, Dany, a casa do João!

Meu pai trabalha no Cristo.

Eu já fui à praia.

Figura 12 - Possibilidades com arte



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 13 - Nossa tela



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 14 -- Eu pertença



Fonte: Arquivo pessoal

Essa experiência me fez perceber que, além do prazer de realizar as atividades propostas, a arte faz com que a criança se encontre e consiga se sentir pertencente ao espaço creche e ao mundo que a cerca. Fui tomada pela emoção e a realização para além do objetivo inicial.

Trago esse exemplo para afirmar que a criança não vive num mundo paralelo ao mundo dos adultos. Claro que a criança não deve ser tratada como um adulto, mas também não precisa ser tratada como se não tivesse a capacidade de compreensão do mundo. É preciso reconhecê-la como ser capaz de pensar sobre o mundo do seu modo. Como afirma Madalena Freire (2007),

Quando se tira da criança a possibilidade de conhecer este ou aquele aspecto da realidade, na verdade se está alienando-a da sua capacidade de construir seu conhecimento. Porque o ato de conhecer é tão vital como comer ou dormir, e eu não posso comer ou dormir por alguém. A escola em geral tem esta prática a de que o conhecimento pode ser doado, impedindo que a criança e, também, os professores a construam. Só assim a busca do conhecimento não é a preparação para nada, e sim **VIDA**, aqui e agora. E esta vida que precisa ser

resgatada pela escola, muito temos que caminhar para isso, mas é no hoje que vamos viabilizando esse sonho de amanhã. (FREIRE, 2007, p. 15).

A arte possibilita expandir esse conhecimento de mundo, podendo conscientizar, desde muito cedo, as ações de cuidado com o meio em que se vive, sem deixar de lado a imaginação e as brincadeiras. Sobre isso, Luciana Ostetto, em texto que trata da arte na Educação Infantil, afirma:

[...] Somos seres sócio-históricos, interagimos com a realidade que nos cerca, somos afetados por relações, imagens, situações, acontecimentos e emoções. Então, nossos repertórios constituídos ao longo da vida são associados a cada encontro com o outro, pessoas, lugares, paisagens, obras, objetos, conceitos. É com eles que vamos significando o mundo (OSTETTO, 2011, p. 4-5).

Como aluna do Pró-Saber, fui tocada, transformada pela arte. A criança também é tocada e cria possibilidades, quando inserida num ambiente onde ela pode se ver, encontrar seu espaço, fazer relação entre a arte e o mundo onde vive, a valorizar o lugar onde mora. Sendo assim, vejo que, como educadora, minha função é a de, além de ampliar as experiências das crianças, transformar a creche em um lugar onde possamos produzir e conhecer diferentes culturas, tanto locais quanto de lugares desconhecidos das crianças.

A arte na educação infantil enriquece as experiências vividas, levando às crianças diferentes linguagens, dando fontes para alimentar sua imaginação. Como afirma Luciana Ostetto (2020):

A arte, na educação infantil, não se resume a momentos e atividades isoladas. [...] Trata-se, enfim, de um olhar que dá atenção ao mudo. A presença da arte na educação infantil será tanto mais importante, quando puder contribuir para ampliar o olhar da criança sobre o mundo, a natureza e a cultura, diversificando e enriquecendo suas experiências sensíveis - estéticas, por isso, vitais. (OSTETTO, 2020, p. 5).

O trabalho do educador é o de oportunizar o acesso à diversidade de materiais, introduzindo nas atividades propostas diversas formas de experimentar e conhecer a pluralidade cultural e as expressões artísticas, como: música, literatura, costumes regionais, teatro, filmes, artes plásticas etc .

Ampliar o repertório das imagens e objetos também implica abastecer as crianças de outros elementos produzidos em outros contextos e épocas, como, por exemplo, as imagens da história da arte, fotografias e vídeos, objetos artesanais produzidos por culturas diversas brinquedos, adereços vestimentas utensílios domésticos, etc. (CUNHA, 1999, p. 14 *apud* OSTETTO, 2011, p. 6).

Tendo em vista que vivemos num país tão diverso culturalmente, temos muito para apresentar e explorar dentro e fora de sala. Essa reflexão me faz lembrar de uma situação que aconteceu na minha prática, numa turma com crianças de 3 anos de idade, com uma criança, que estava na instituição desde o berçário. Somente no seu último ano, descobrimos através de uma atividade que realizamos em sala sobre a cidade do Rio de Janeiro, que ele tinha nascido em outro estado. Em um momento de conversa com as crianças, a professora falou que todos da turma tinham nascido no Rio. Ele, prontamente, com um sotaque que nunca havíamos reparado, disse: “Eu não, Jaque. Eu nasci no Pará”.

Percebi, a partir dessa experiência, que focamos muito na cultura local e conhecemos pouco as histórias das crianças. Se o professor pesquisa, busca conhecer a história das crianças e das famílias, as crianças (e também os adultos) têm a possibilidade de ampliar seus conhecimentos culturais e estéticos.

A Educação Infantil é a primeira etapa educacional na vida de uma criança. A responsabilidade que eu trago como educadora desse segmento é fazer com que ela se desenvolva, de maneira prazerosa e lúdica, os aspectos físico, emocional, intelectual, social e cultural.

Como aluna do Pró-Saber, pude enriquecer meus saberes, minhas vivências. Tive encontro com diferentes linguagens estéticas e culturais, achando minha própria voz e pensamentos, através da poesia, da arte, dos encontros nos espaços culturais. Hoje, aos 42 anos, tenho segurança para escolher um livro a partir do conhecimento, buscando autores e ilustradores que me encantam e que de alguma forma me identifico, me tocam e dão sentido ao prazer de ler e admirar a arte literária, assim como vou ao teatro, ou escolho bons filmes e visito espaços culturais. Hoje sou pesquisadora do mundo que me rodeia. Mas as crianças não precisam esperar chegar aos 40 anos para ter acesso a todas essas informações.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao aprofundar-me nas escavações para a realização deste trabalho, pude rememorar cada momento vivido nesses três anos de curso. Foi refazendo o caminho, que pude mergulhar em minhas memórias, reconhecer a resistência inicial com o novo, apropriar-me da metodologia e dos instrumentos metodológicos, alinhar os passos e me reconstituir enquanto educadora.

O diálogo entre teoria e prática realizado na escrita desta monografia permitiu que eu renovasse e afirmasse meu desejo, educando minhas faltas e meus sentimentos, para que possa transformar meu cotidiano com as crianças a cada dia, de uma forma intensa e prazerosa.

Estive nesse processo de formação em forma bruta. Professores, grupo, o desejo, a falta, o medo, a tela... No início, éramos um amontoado de pessoas desconhecidas. E não foi fácil conviver com diversas culturas e opiniões, compreender e entender o posicionamento do outro. Mas, na busca por um objetivo comum, aprendi que somos transformados nesse processo. Vi o grupo se construir, enfrentando o medo da exposição, o desafio da escrita, o compromisso, respeitando as diferenças, a individualidade de cada um, as nossas histórias. Tivemos muitos momentos de choro, raiva, riso, felicidade, amor e ódio. Momentos que marcaram e fizeram toda diferença nesse processo de buscar, estudar, pesquisar, explorar, conhecer e aprender.

Tudo isso me lapidou e transformou a pedra em diamante. Foi doído, mas o resultado é inacreditável. Tornar-me a educadora que sempre sonhei ser exigiu que eu me despisse, exigiu sacrifícios, exigiu que a fé e a esperança se mantivessem inabaláveis. Foi preciso querer, me permitir e aceitar o processo. Exigiu que eu pulasse de olhos fechados, acreditando que tudo daria certo, mesmo quando foi preciso remar contra situações que tentam anular a importância da educação.

Assim como foi possível desaprender para aprender, reconstruir o caminho e rever meus conceitos, meu desejo é que muitos educadores possam ter a oportunidade de aprimorar seus conhecimentos, levando para sua instituição o quanto crescemos quando trabalhamos em conjunto: escola, família e comunidade.

Essa formação me fez compreender a importância da minha escolha e do meu papel como educadora. A educação também é feita do uso dos cinco sentidos. É preciso ouvir com desejo de escutar, olhar com vontade de enxergar, falar como se quisesse cantar, tocar com desejo de conhecer, inspirar e sentir o cheiro que transforma e faz com que a criança se aproprie de sua aprendizagem, construindo sua autonomia.

Desejo que os afagos cheguem, mas que eles não adormeçam essa educadora que sonha, que entende a sua posição dentro do espaço de educação. Desejo que eu não perca a esperança, que sempre que possível caminhe descalço para sentir o chão, que eu procure escutar mais do que falar, que a observação diária seja o princípio para avaliar meus planejamentos. Quero ter sempre as minhas minhocas, os meus piolhos, as minhas inquietações, e assim continuar buscando e caminhando no desejo de ser uma EDUCADORA.

Figura 15 – Para sempre, turma 2019



Fonte: Acervo pessoal. Fotografia tirada por Sebastião Antonio de Oliveira.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubens. **Livro sem fim**. 2.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. **Referencial Curricular Nacional Curricular da Educação Infantil**. Brasília, DF: MEC, 1998. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf. Acesso em: 21 jun. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Resolução n. 5, de 17 de dezembro de 2009**. Fixa as diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil. Brasília, DF, 2009. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=2298-rceb005-09&category_slug=dezembro-2009-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 21 jun. 2022.

CÍCERO, Antônio. **Poemas escolhidos**. Rio de Janeiro: Record, 1996.

FREIRE, Madalena. **A paixão de conhecer o mundo**: relato de uma professora. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

FREIRE, Madalena. **Educador educa a dor**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira**, n. 19, Jan/Fev/Mar/Abr 2002. Disponível em: <https://goo.gl/KDYQXS>. Acesso em: 18 fev. 2022.

LISBOA, Carla; QUILLICI, Armindo; PRADO, Mariana do Prado. A concepção de infância presente no Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil – RCNEI. In: **X Seminário Nacional do HISTEDBR**. Campinas, 2016. Disponível em: <https://www.fe.unicamp.br/eventos/histedbr2016/anais/pdf/861-2839-1-pb.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2022.

OSTETTO, Luciana E. Educação infantil e arte: sentidos e práticas possíveis. **Cadernos de Formação da UNIVESP**. São Paulo: Cultura Acadêmica. 2011. p. 27-39. Disponível em: <http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/320/1/01d14t01.pdf>. Acesso em: 19 de junho de 2022.

SANTOS, Daniele. **Atividade da disciplina Filosofia**. Aula de 19 ago. ministrada à Turma 2019. Rio de Janeiro: Pró-Saber, 2019 (mimeo).

SANTOS, Daniele. **Reflexão temática da disciplina Prática Pedagógica II**. Aula de 10 set. ministrada à Turma 2019. Rio de Janeiro: Pró-Saber: Ambiente on-line, 2020a (mimeo).

SANTOS, Daniele. **Síntese da disciplina Fundamentos da Psicologia e Aprendizagem Lecto-escrita**. Aula de 12 ago. ministrada à Turma 2020. Rio de Janeiro: Pró-Saber: Ambiente on-line, 2020b (mimeo).

SANTOS, Genecilda dos; MAIA, Gilvana Menslin Oliveira da. Imagens que visibilizam as infâncias: a linguagem fotográfica na educação infantil. **Ponto-e-Vírgula**, São Paulo, PUC-SP, n. 28, p. 42-57, ago./dez. 2020. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/pontoevirgula/article/view/51552>. Acesso em: 19 de junho de 2022.

SILVA, Joana D'Arc da. **Projetos de trabalhos na educação infantil**. Rio de Janeiro: Pró-Saber, 2019 (mimeo).